




**XVII ENANPUR**

SÃO PAULO • 2017



## **Haitianos na Amazônia – pessoas em trânsito para uma cidade em transformação socioespacial: um estudo de caso em Porto Velho**

Haitians in the Amazon – people in transit to a city in socio-spatial transformation: a case study in Porto Velho

*Marília Pimentel Cotinguiba, UFRO, mpimentel9@gmail.com*

*Geraldo Castro Cotinguiba, UFRO, gcotinguiba@gmail.com*

*Rosana Baeninger, Unicamp, baeninger@nepo.unicamp.br*

## RESUMO

Este trabalho intenta descrever como a chegada e circulação de haitianos, a partir do começo de 2011, contribuíram para alterar e reconfigurar a paisagem e, de certa forma, o tecido urbano de alguns bairros da cidade de Porto Velho, capital de Rondônia. Para tanto, nossa reflexão objetiva mostrar como a migração pode interferir no espaço intra-urbano (Villaça, 2001) das cidades, a partir do caso dos haitianos em Porto Velho. Os resultados apresentados têm como base a pesquisa de campo na cidade e por meio de observações e diálogos com haitianos em Porto Velho, por meio de uma vivência etnográfica, desde julho de 2011.

**Palavras Chave:** Amazônia, Imigração Haitiana, Mudança Urbana

## ABSTRACT/RESUMEN

This paper tries to describe how the arrival and movement of Haitians, from the beginning of 2010, contributed to change and reconfigure the landscape and, in a way, the urban tissue of some neighborhoods of the city of Porto Velho, capital of Rondônia. To that end, our reflection aims to show how migration can interfere in the intra-urban space (Villaça, 2001) of the cities, from the study case of the Haitians in Porto Velho. The results presented here are based on field research in the city of Porto Velho and through observations and dialogues with Haitians through an ethnographic experience, since July 2011.

**Keywords/Palabras Clave:** Amazon, Haitian Immigration, Urban Change

## INTRODUÇÃO

Este artigo tem como objetivo mostrar alguns aspectos de como a chegada, passagem, circulação e estabelecimento de pessoas provenientes do Haiti contribuíram para alterar e reconfigurar a paisagem de alguns bairros próximos à região central da cidade de Porto Velho, capital de Rondônia, a fim de refletirmos como os movimentos migratórios podem “interferir” no espaço intra-urbano (Villaça, 2001) das cidades, a partir do caso dos haitianos, com foco principal sobre a localização das igrejas e os atores envolvidos na “criação” dessas igrejas. Os resultados aqui apresentados têm como base a pesquisa de campo na cidade e por meio de observações e diálogos com haitianos em Porto Velho, por meio de uma vivência etnográfica, desde julho de 2011. Para isso, descreveremos os locais que os imigrantes se fixaram na cidade, as igrejas haitianas que se formaram em uma determinada região da cidade a partir desta estabilização, de modo a criar localizações (Villaça, 2001) haitianas que modificaram o tecido urbano de Porto Velho desde o início de 2011.

A capital de Rondônia passava por um processo de mudança no início da imigração haitiana, em 2011, especialmente pela construção das usinas hidrelétricas na calha do Rio Madeira. A cidade tem passado por algumas mudanças na utilização do seu espaço do ponto de vista imobiliário, com a construção de alguns prédios nas regiões norte e noroeste de seu espaço urbano. No mesmo período, outras áreas da cidade se tornaram lugares com concentração de imigrantes haitianos, como nos bairros Agenor de Carvalho, Liberdade e Nova Porto Velho, ambos próximos à rodoviária, por meio da locação de imóveis para moradia - geralmente em grupos de 3, 4 ou 5 pessoas em uma casa - e da formação de igrejas. Das 4 “igrejas haitianas” de Porto Velho, 3 estão nos bairros Agenor de Carvalho, Nova Porto e Liberdade<sup>1</sup>.

O texto foi organizado em duas partes, a saber, breve descrição da formação da cidade, pelo viés dos fluxos migratórios e a descrição das mudanças ocorridas no espaço urbano, tomando como ponto de partida a chegada desses imigrantes haitianos desde o primeiro trimestre 2011.

## A CIDADE DE PORTO VELHO

A fundação de Porto Velho está diretamente associada à construção da Estrada de Ferro Madeira Mamoré<sup>2</sup>, no início do século XX, a partir de 1907. Localizada à margem direita do rio Madeira – um dos afluentes do rio Amazonas – a capital de Rondônia tem hoje, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, o IBGE, cerca de 490 mil habitantes e tem uma área territorial de 34.082 Km<sup>2</sup>.

A história de Porto Velho e do estado de Rondônia pode ser contada, dentre outras abordagens analíticas e interpretativas, a partir da migração, desde a sua fundação até a contemporaneidade. Um dos mais intensos fluxos migratórios se deu quando da construção da EFMM. Mesmo já sendo uma região que contava com uma presença de povos indígenas e de não indígenas há muito tempo, a EFMM foi, sem dúvida, um divisor de águas na formação da cidade, especialmente pelo

<sup>1</sup> A igreja Batista haitiana está localizada em outro bairro da cidade. Por questões de recorte da pesquisa e de espaço, não vamos tratar, neste trabalho, dessa igreja.

<sup>2</sup> Não queremos dizer que a EFMM tenha sido a única causa da formação de Porto Velho, mas uma das principais. Pessoas já habitavam a região há muito tempo, como diferentes grupos indígenas e colonizadores no período colonial sob dominação da coroa portuguesa. Vale ressaltar que a região ficou nos limites das áreas fronteiriças em disputa com a Bolívia na questão do Acre, como já apontamos em (COTINGUIBA e COTINGUIBA, 2015a, p. 47-48).

fato de que o empreendimento foi uma investida do capital internacional na região e, para isso, foi necessário mobilizar um grande contingente de pessoas para realizar o empreendimento.

A EFMM, mesmo marcada por uma gama de contradições, opera no plano da representação coletiva como um mito fundador ou mesmo um mito de origem, que liga o antes, o agora e o porvir. Nesse sentido, esse momento histórico tem lugar central na história da região e é, também, um acontecimento relevante para a história nacional. Do ponto de vista da mobilidade humana, para a construção da EFMM foi necessário arregimentar milhares de trabalhadores que foram deslocados para a região, onde muitos morreram ao longo de quase seis anos, num episódio considerado desastroso econômica e humanamente (COTINGUIBA & COTINGUIBA, 2015a, p. 48).

Os “desastres” na Amazônia não são exclusividades de Rondônia. Com a transformação do Território Federal em Unidade da Federação, em 1982, Porto Velho se firmou como a capital do estado. A colonização em Rondônia é um assunto de interesse de estudos, contudo dispersos, teórica e praticamente<sup>3</sup>. Ao longo do século XX, Rondônia moldou-se e Porto Velho passou por momentos de mudanças rápidas, como a “corrida do ouro” no Rio Madeira.

No século XXI, a cidade e o Rio Madeira receberam e movimentaram investimentos com o Programa de Aceleração do Crescimento – PAC – I e II, culminando com a investida energética da implantação de duas grandes Usinas Hidrelétricas no rio mais rápido do planeta. Como esses processos, Porto Velho tornou-se lugar de pessoas de diferentes lugares, uma cidade “multicultural” e que tem em sua história a característica de ser cosmopolita.

POPULAÇÃO DA CIDADE DE PORTO VELHO	
Ano	Habitantes
1950	27.244
1960	51.049
1970	88.856
1980	138.289
1991	286.471
2000	334.585
2010	428.527
2013	484.992 (estimativa do IBGE)
2015	502.748 (estimativa do IBGE)

Tabela 1: Quantitativo da população de Porto Velho entre os séculos XX e XXI. Fonte: (COTINGUIBA & COTINGUIBA, 2015a, p. 53).

Porto Velho é uma cidade que se expandiu ou foi expandida das margens do Rio Madeira nos sentidos Leste, Norte e Sul. Uma expansão na Amazônia marcada por diferenças, que refletem, por exemplo, na ausência de títulos da propriedade “definitiva” sobre a terra, seja no meio rural

<sup>3</sup>Consideramos de suma importância estabelecer um diálogo interdisciplinar a partir dos grupos multidisciplinares da UNIR e seus parceiros de pesquisa. Os relevantes – internacionalmente – estudos do prof. Dr. Wanderley Bastos sobre o Mercúrio na região são fontes de reflexões sobre mudança de espaço e impactos físico-químicos na interação entre o ser humano e aquilo que chamamos Natureza. As Ciências Sociais e as Ciências Exatas e Biológicas podem dialogar, assim como com a Ecologia.

quanto no urbano da capital. Para Tamboril e Barboza (2016, p. 132-133), a base social e econômica de Porto Velho, desde a sua fundação foi assentada na reprodução de desigualdades, “tornando-se indutora dos maiores conflitos em sua reprodução socioespacial, como consequência das relações produtivas”, sobretudo, por meio dos “ciclos econômicos”. Dessa maneira, Porto Velho nasce,

segregada e irregular: segregada na medida em que por uma linha divisória era possível visualizar as diferenças entre seus habitantes. De um lado, Porto Velho feito imagem e semelhança de seus criadores norte-americanos como símbolo do progresso e, do outro, a Porto Velho de todas as cores e nacionalidades, composta pela escória que buscou sobrevivência ou exílio. Separados por uma fronteira intransponível baseada no preconceito e exploração, em contradição entre o discurso do progresso e da modernidade (TAMBORIL e BARBOZA, 2016, p. 134).

Não diferente de outros ciclos econômicos ocorridos na cidade, as obras de construção de duas hidrelétricas no rio Madeira, Santo Antônio e Jirau<sup>4</sup>, refletiram no cotidiano urbano e rural de Porto Velho. Foi preciso desalojar populações tradicionais ribeirinhas de seus lugares e leva-las para os centros urbanos. Com isso, segundo Tamboril e Barboza (2016, p. 135), houve uma possível modificação na paisagem da cidade e no adensamento populacional.

Dentro desse contexto, podemos visualizar na cidade de Porto Velho, que todos os processos contribuíram de certa maneira, para a segregação urbanística existente, na medida em que a estrutura da cidade não conseguiu acompanhar o acelerado crescimento populacional.

No início de 2011, no auge da construção das duas hidrelétricas, no rio Madeira, chegaram os primeiros imigrantes em Porto Velho, atraídos, inicialmente, por uma promessa de trabalho de uma suposta empresa que estaria instalada no distrito de Nova Mutum, a 110 km de Porto Velho (COTINGUIBA e PIMENTEL, 2015b). Esse grupo de um pouco mais de 50 haitianos se disse “enganado” por um funcionário do governo do Acre na cidade de Brasileia, fronteira do Brasil com a Bolívia, que fornecera um número de telefone aos imigrantes de uma empresa que não existia. Enquanto os haitianos tentavam encontrar uma solução para o impasse, as autoridades governamentais já haviam sido acionadas e, em ônibus, levou-os para a cidade de Porto Velho e os alojou no Ginásio de Esportes Cláudio Coutinho, na região central da cidade<sup>5</sup>. Naquela mesma semana a cidade recebeu o total de 105 haitianos. A chegada dos grupos maiores de haitianos a partir de março de 2011 fez com que o governo estadual se mobilizasse e buscasse uma solução ou um paliativo imediato para duas demandas principais, alojamento e alimentação (COTINGUIBA, 2014).

<sup>4</sup>As obras dessas hidrelétricas foram iniciadas em 2008 e ainda estão em fase de conclusão em 2016.

<sup>5</sup> O Ginásio Cláudio Coutinho fica situado na área de colonização que da época da EFMM.

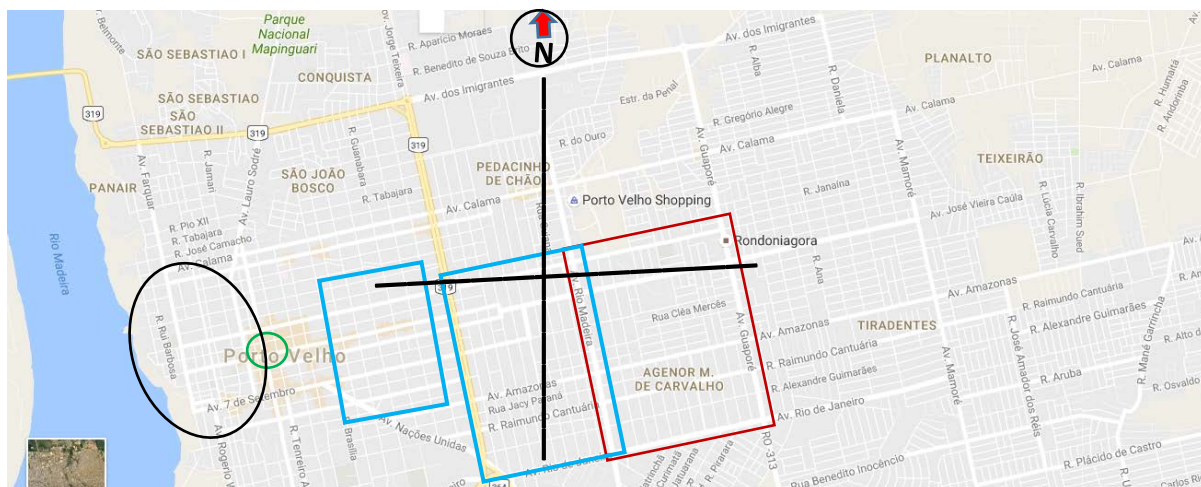


Imagem 1 Mapa de parte da cidade de Porto Velho. Área urbana vinculada com a origem de Porto Velho. Legendas: Círculo oval preto = área de origem a partir da EFMM. Pequeno círculo verde = Localização do Ginásio de Esportes Cláudio Coutinho. Retângulos azuis = áreas nas quais os primeiros haitianos se estabeleceram em PVh entre 2011 e 2013. Retângulo vermelho = área de expansão da presença haitiana em PVh.

A imagem acima ilustra a área da cidade em que os haitianos se estabeleceram majoritariamente. A linha amarela da imagem (319), é uma rodovia federal, conhecida em Porto Velho como Avenida Jorge Teixeira, nome do primeiro governador. Nessa avenida fica a rodoviária e também conduz ao aeroporto e se liga com o Sul do estado do Amazonas. Entre essa avenida e as avenidas Rio Madeira, Rio de Janeiro e a José Vieira Cahula, foi e ainda é em 2016, a principal área da cidade com maior densidade<sup>6</sup>. Os retângulos azuis indicam as áreas de maior concentração dos haitianos nos primeiros dois anos. O retângulo vermelho indica a expansão, porém na região mais próximas ao centro. Assim, abordaremos a chegada dos haitianos e sua entrada no espaço urbano e sua presença nos bairros.

## A CHEGADA DOS HAITIANOS E O ESPAÇO URBANO DE PORTO VELHO

Por ser a capital do estado e ter uma estrutura maior na área de saúde, Porto Velho tem as chamadas “casas de apoio” - espécie de pousadas que hospedam pessoas advindas do interior do estado para realizar tratamento de saúde. Essas casas são mantidas, geralmente, por políticos ou organizações sem fins lucrativos. Com a chegada dos haitianos, alguns órgãos do governo do estado, no início juntamente com a Pastoral do Migrante, recorreram aos responsáveis por essas casas de apoio para abrigar os imigrantes. A casa de apoio que mais hospedou haitianos foi a “Raimundo Neves”, à época localizada no bairro Liberdade, não muito distante da rodoviária, que atendeu 228 haitianos, conforme Cotinguiba (2014).

A hospedagem dos haitianos na Casa de Apoio Raimundo Neves modificou o lugar em vários aspectos. O primeiro deles foi em relação à sua atividade fim, conforme relata Cotinguiba (2014, p. 102),

<sup>6</sup> Desde os primeiros meses os haitianos residiram em outros bairros, mas em menor densidade que na região que estamos destacando.

Por ser um local que durante alguns anos serviu de referência para pessoas que viajavam do interior do estado para a capital em busca de tratamento médico, a Casa de Apoio se tornou um lugar de referência na cidade – existem outras que operam na mesma lógica. A troca pelos serviços de hospedagem é em forma de uma ajuda financeira abaixo do valor de uma diária de um hotel sem serviços. A entrada dos haitianos na Casa de Apoio mudou a rotina e uma das consequências foi a diminuição da clientela que, em parte, era mantida por meio de acordos com prefeituras do interior do estado que prestavam ajuda aos pacientes em trânsito para tratamento médico. Com os haitianos no local, muitos deixaram de procurar abrigo no local.

Assim, a casa não mais atendia aos que buscavam hospedagem quando em processo de tratamento de saúde, passou, por conseguinte, à condição de um local de referência da migração haitiana para os habitantes da cidade e para os próprios haitianos, assim como para alguns empresários que buscavam recrutar a força de trabalho dos imigrantes.

Outro aspecto que mudou a casa foi o estranhamento da vizinhança em relação à presença dos haitianos na casa, o que, por sua vez, alterou a paisagem do espaço e, de certo modo relativo, provocou alterações na dinâmica do modo de vida dos moradores dos arredores.

O diretor nos relatou que naquela semana os vizinhos haviam chamado a PM para conter o barulho. Esse barulho era relativo ao falar dos haitianos (tom de voz alto) durante as conversas em grupos, o som do toque do telefone no “último volume” para receber chamadas – às vezes no meio da madrugada –, o que passou a incomodar os vizinhos, causando um estranhamento (COTINGUIBA, 2014, p. 101-102).

Como se pode perceber a casa de apoio Raimundo Neves foi aos poucos se tornando uma das localizações haitianas em Porto Velho. Era comum, no período de 2011 a 2014, presenciarmos o entra e sai de empresários em busca de trabalhadores. Grande parte do recrutamento para trabalho era intermediado pela SEAS (Gráfico 1 e 2)

Ao longo dos meses que visitamos a Casa de Apoio, víamos centenas de pessoas, umas entrando e outras saindo. [...] Quase que diariamente a SEAS realizava visitas para triagem dos hóspedes para encaminhá-los para trabalho em empresas de Porto Velho ou em outras cidades fazendo, assim, a intermediação por meio de seu trabalho de assistência social aos imigrantes. Em diferentes momentos acompanhamos o trabalho dos agentes da SEAS, na Casa de Apoio, no diálogo com empresários, em reuniões sobre essa imigração, na compra de passagens e embarque dos haitianos para outras cidades (COTINGUIBA, 2014, p. 109).

O tempo de permanência dos haitianos nessa casa de apoio era variado e dependia de conseguir ou não trabalho. Assim, os que conseguiam emprego alugavam quitinetes<sup>7</sup>, geralmente, em local próximo (no mesmo bairro) da casa de apoio. Aos poucos o número de haitianos se reduziu até chegar um momento em que a casa de apoio Raimundo Neves não mais hospedava haitianos.

---

<sup>7</sup> Esses imóveis são chamados em Porto Velho apartamentos, mesmo se for uma casa que foi dividida e alugada para duas ou mais pessoas de modo independente. Também são chamados os locais que têm vários desses apartamentos de “estância” ou “vila de apartamentos”. As condições são, em geral, insalubres nesses locais devido ao espaço reduzidos, pouca ventilação e, no caso dos haitianos, os imóveis eram locados para morarem 3, 4 ou 5 pessoas em um ou dois cômodos. Em muitas dessas vilas de apartamentos o espaço era dividido com brasileiros.

A estada dos haitianos por um período na casa de apoio Raimundo Neves, sobretudo, com a chegada dos primeiros grupos em 2011, influenciou sobremaneira a preferência dos imigrantes em morar nos bairros Liberdade, São Cristóvão e Nova Porto Velho. De acordo com nossas observações por meio da pesquisa de campo, a região da cidade que teve maior concentração dos imigrantes haitianos foi o bairro Nova Porto Velho. Esse bairro é localizado numa região que consideramos estratégica para os haitianos, dado sua localização próxima a dispositivos e recursos práticos, tais como a rodoviária, a principal avenida que liga ao aeroporto, ao centro da cidade e a uma feira livre que é realizada matinalmente aos sábados, onde é possível que eles encontrem elementos utilizados na culinária do Haiti. Ademais, é o bairro mais próximo da casa de apoio Raimundo Neves.



Gráfico 1. Número de haitianos encaminhados para trabalho em outros estados por meio da SEAS-RO. Fonte: (COTINGUIBA, 2014, p. 120).

Esses números representam a totalidade dos encaminhamentos intermediados e realizados pela SEAS para outros estados, de acordo com a pesquisa realizada por Cotinguiba (2014) com base na análise dos documentos da Secretaria de Estado de Assistência Social de Rondônia, o que mostra uma intervenção de um agente público no processo da mobilidade haitiana na cidade.



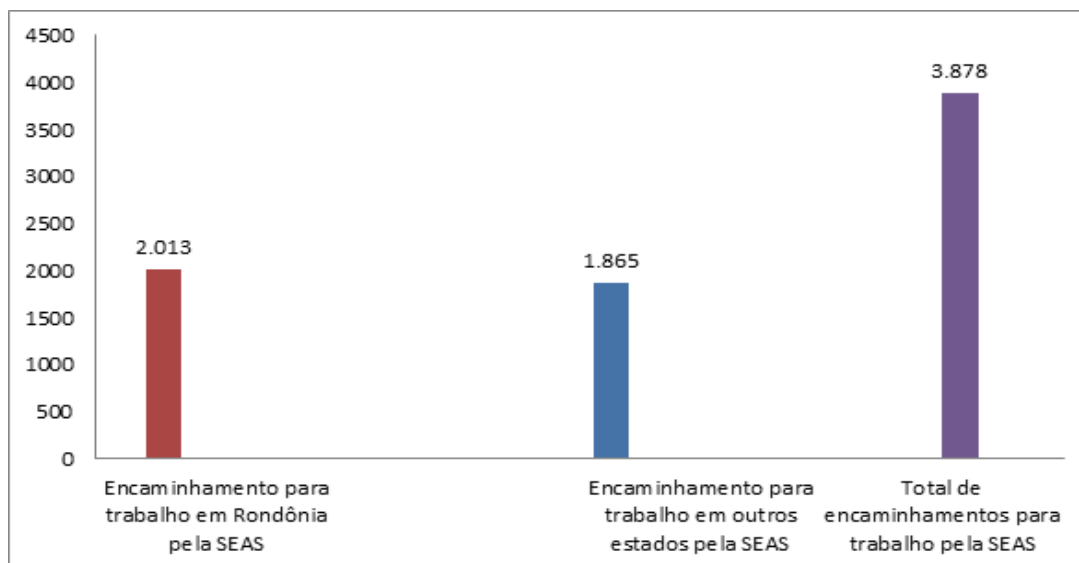


Gráfico 2 - Atendimento SEAS/RO com encaminhamento de haitianos para trabalho no estado e em outras unidades da federação. Fonte: (COTINGUIBA, 2014, p. 121).

Como se pode observar, segundo os dados, 3878 haitianos foram registrados pela SEAS no período entre 2011 e 2014<sup>8</sup>. Isso indica que houve uma mudança na dinâmica das atividades de uma esfera do governo local, fazendo com que uma agenda fosse criada diante de uma situação não esperada, uma vez que a presença haitiana na cidade de Porto Velho não estava prevista, mas foi um acontecimento fortuito do ponto de vista da agenda política local. Isso não quer dizer, entretanto, que existe ou existiu uma política local de imigração. O que identificamos, por sua vez, foi o que preferimos classificar como uma ação isolada, uma vez que não foi implementada uma ação continuada no atendimento dos haitianos ou outros imigrantes e mesmo migrantes internos.

<sup>8</sup> Isso não quer dizer que se criou no estado uma política de migração, não. O que houve foi a colocação em prática de uma ação que teve seu início, desenvolvimento e fim. Fato é que não houve continuidade das ações. em relação ao poder municipal, nenhuma ação foi criada.



Imagem 2 Haitianos e brasileiros na “disputa” por vagas de trabalho no posto do SINE, para trabalharem na Usina Jirau. Porto Velho, janeiro de 2014. Foto: Geraldo C. Cotinguiba.

Por outro lado, encontramos uma contradição entre os dados. Os números da SEAS contrastam gritantemente com os do Sistema Nacional de Cadastro e Registro de Estrangeiros (SINCRE). Enquanto a SEAS registrou 3878 atendimentos - os quais constam nomes e documentos pessoais - o SINCRE registrou apenas 909 imigrantes haitianos entre 2011 e 2015, o que poderia parecer uma contradição dos dados, no entanto, é importante notar que a diferença existente entre os números é que os do SINCRE dizem respeito aos haitianos que gozam da residência permanente, o visto, enquanto os da SEAS são atendimentos e encaminhamentos e não há classificação sobre com visto ou sem visto.

Ano	Entradas
2011	85
2012	434
2013	633
2014	92
2015	101

Tabela 2. Número de Registros de Entrada de Imigrantes do Haiti em Porto Velho. Fonte: SINCRE/Ministério da Justiça. Projeto MT-Brasil/ICMPD-PUC Minas. Tabulações Observatório das Migrações em São Paulo (Nepo/Unicamp-Fapesp/CNPq).

A chegada dos haitianos nos bairros Agenor de Carvalho, Nova Porto Velho, São Cristóvão e Liberdade alterou a rotina da vida das pessoas do local, moradores ou proprietários de imóveis na região.

Um exemplo disso são as chamadas estâncias<sup>9</sup> – vila de apartamentos – alugavam todos os quartos ou apartamentos somente para haitianos.

## MUDANÇAS DO ESPAÇO URBANO - RELIGIOSIDADE<sup>10</sup> E MORADIA

A religiosidade é um dos fenômenos mais importantes em relação ao comportamento coletivo dos grupos humanos (GEERTZ, 1989). Assim, entre os haitianos que passaram a residir em Porto Velho essa lógica se mostrou relevante de modo que algumas atividades passaram a fazer parte do contexto da paisagem urbana de uma parte da cidade.

Como vamos lidar com o significado, comecemos com um paradigma: ou seja, que os símbolos sagrados funcionam para sintetizar o *ethos* de um povo — o tom, o caráter e a qualidade da sua vida, seu estilo e disposições morais e estéticos — e sua visão de mundo — o quadro que fazem do que são as coisas na sua simples atualidade, suas ideias mais abrangentes sobre ordem. Na crença e na prática religiosa, o *ethos* de um grupo torna-se intelectualmente razoável porque demonstra representar um tipo de vida idealmente adaptado ao estado de coisas atual que a visão de mundo descreve, enquanto essa visão de mundo torna-se emocionalmente convincente por ser apresentada como uma imagem de um estado de coisas verdadeiro, especialmente bem-arrumado para acomodar tal tipo de vida (GEERTZ, 1989, p. 66-67).

Essa força que o campo do sagrado exerce sobre indivíduos de algumas sociedades já foi objeto de análise muitos pesquisadores, como Marcel Mauss e Émile Durkheim, e não é aqui o objeto de nosso interesse. O que nos interessa aqui é refletir sobre como e a partir da imigração haitiana para a cidade de Porto Velho a paisagem urbana passou por alterações.

Dentre os temas relacionados a essa mobilidade, aspectos como inserção social, motivos de migração, aprendizado da língua, parentesco e atividade laboral têm recebido atenção especial. A esses, dentre outros, a religião se mostra como um campo de abordagem rico em informações para ser contemplado pela pesquisa, pois é um dos principais recursos no processo de inserção social relativa desses imigrantes na cidade de Porto Velho.

Há uma presença considerável da vertente de cunho protestante ou evangélica entre os haitianos. Haja vista que as igrejas são os espaços onde os membros desse grupo usufruem do privilégio de poderem professar sua fé em sua língua materna, o crioulo haitiano, encontrar os amigos e parentes, tecer alianças, trocar informações e reelaborar suas práticas culturais dentro de um novo contexto social, de maneira que possam traçar as estratégias de inserção na sociedade local

<sup>9</sup> As estâncias são construções retangulares em um terreno, com cômodos germinados medindo 6x4 = 24 m<sup>2</sup> com um banheiro e dividido em dois compartimentos, coberto com telha de cimento (tipo *Eternit*). Por haver diferentes medidas de terrenos, o número de “apartamentos” pode variar, podendo ter 3, 4, 5 ou mais famílias morando num mesmo terreno, mas com casas diferentes.

<sup>10</sup> A respeito da questão religiosa veja (PIMENTEL & COTINGUIBA, 2016), (RIBEIRO, 2016) e (BORBA & MOREIRA, 2016).

por meio da interlocução religiosa, numa economia das trocas dos códigos e símbolos com os brasileiros.

O censo de 2010, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE – apontou um aumento da população evangélica no Brasil, com um total de 22,2%. A presença de pessoas que se declaram evangélicas, na cidade de Porto Velho é expressiva, tanto pela autodeclaração quanto pelas diversas igrejas dessa religião. Nesse rol, os haitianos encontraram um campo fértil para declararem sua fé e na cidade fundaram, até o presente momento, quatro igrejas de diferentes vertentes, como a “Primeira Igreja Haitiana Adventista do Sétimo Dia da América do Sul”, inaugurada em 2013. Outras três, uma Batista, uma Metodista e outra chamada “Igreja de Jesus Cristo no Universo”, formam o conjunto das igrejas, para onde se dirigem, especialmente aos sábados e domingos, pelo menos duas centenas de pessoas.

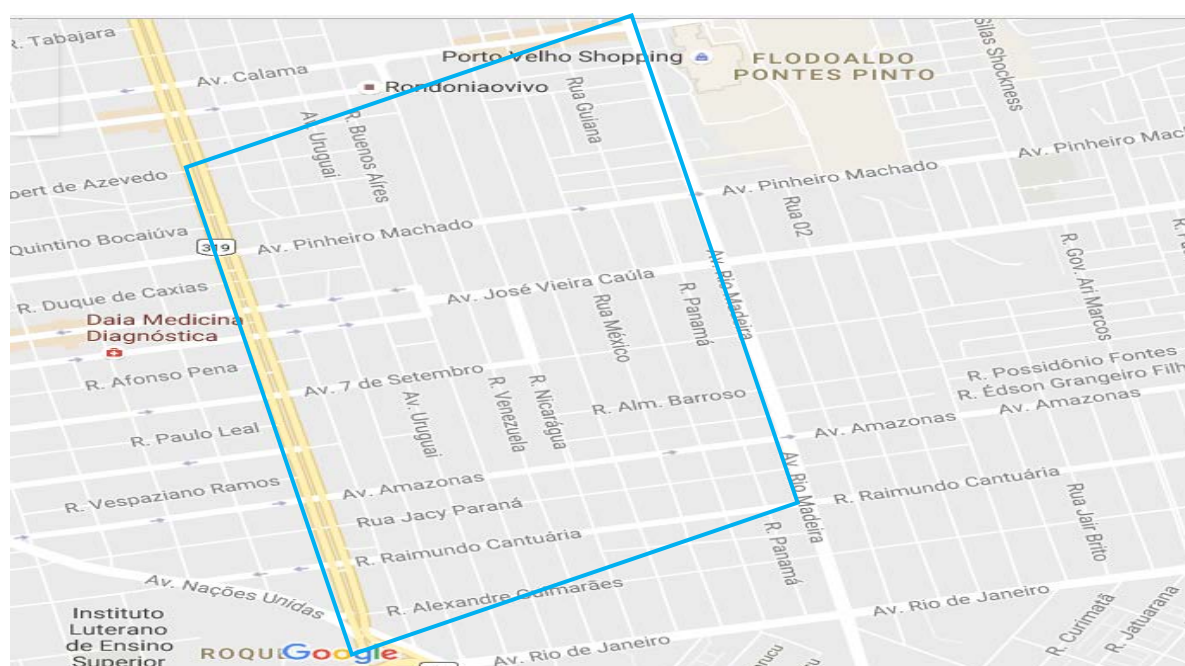


Imagem 3. Localização da concentração de haitianos em Porto Velho, indicada pelo retângulo azul. Nesse lugar ficam as igrejas haitianas, Metodista e a de Jesus Cristo do Universo. Na parte superior da imagem está a igreja Adventista haitiana da América do Sul, ao lado da Avenida Calama.

Estudar parte das práticas religiosas declaradas dos haitianos em Porto Velho se tornou importante por dois motivos principais, quais sejam, a continuidade de um estudo de campo e a busca por uma interpretação das relações sociais desses imigrantes na cidade a partir de uma perspectiva que tome a religião como ponto de partida.

A pesquisa de campo que realizamos entre 2011 e 2013 rendeu-nos um estudo sobre a relação entre essa imigração e o trabalho (COTINGUIBA, 2014) e que temos a intenção de prosseguir-lo, expandindo-o para o campo da religião, objetivando discutir aspectos relacionados às estratégias de negociação dos imigrantes no processo de inserção social. Para isso, nossa pesquisa demanda a realização da etnografia nas igrejas, que já se encontra em curso, o diálogo com os sujeitos

bifônicos, de um lado os haitianos, como autodeclarantes evangélicos e, de outro, os declarantes evangélicos brasileiros envolvidos no apoio e em interlocução com os haitianos.

Com base em nossa pesquisa etnográfica, pudemos estabelecer um diálogo polifônico com diferentes sujeitos, de um lado entre os haitianos e, de outro, com brasileiros em razão do envolvimento com esses imigrantes em diferentes setores, tanto na esfera estatal quanto de instituições não governamentais, como as redes de proteção e auxílio a migrantes da Igreja Católica. Ao longo dessa etnografia aprendemos o crioulo haitiano e visitamos mais de 20 cidades, desde a região de tríplice fronteira até o extremo sul do Brasil. Nos lugares em que esses imigrantes já se encontram radicados, verificamos que uma das primeiras ações é a formação de uma comunidade religiosa evangélica, liderada por um pastor, sempre em negociação simbólica e com apoio de brasileiros.

Sobre a religiosidade dos haitianos, desde nossos primeiros contatos com esses imigrantes, percebemos que era um tema de importância relevante neste processo migratório. Em Porto Velho e, nas quatro idas a Brasileia, no Acre, chamou-nos atenção o fato de que poucos se declaravam católicos e muitos como evangélicos, tais como batista, metodista, adventista dentre outros. De início, isso aguçou nossa curiosidade, visto que o vodu não era mencionado e, quando falávamos sobre o assunto, havia um silenciamento, ou mesmo uma evasão deliberada, mudando o tema da conversa, ação estratégica e fato corriqueiro na pesquisa de campo desde o início da pesquisa etnográfica (Evans-Pritchard, 2013).



Imagem 4: Primeira Igreja Evangélica Haitiana em Porto Velho - Rua Buenos Aires. Foto: Geraldo C. Cotinguiba. Fevereiro, 2014. Esta igreja era de denominação Assembleia de Deus

Ao longo desses cinco anos de presença dos haitianos em Porto Velho, quatro igrejas foram criadas, entretanto descreveremos três dessas igrejas. A comunidade Metodista é o maior grupo religioso da cidade. Sediada na Rua Buenos Aires, no bairro Nova Porto Velho, é a igreja mais adjacente à maioria das comunidades haitianas presentes na cidade. Inicialmente, os membros que hoje frequentam a Igreja Metodista Haitiana (IMH) participavam da Igreja Assembleia de Deus, na mesma rua, a uma distância aproximada de um quilômetro. Com algumas mudanças em questões administrativas, todos os membros haitianos se desmembraram desse grupo e passaram

a pertencer à comunidade Metodista. Ao que se pôde constatar, essa mudança não se caracteriza uma ruptura denominacional ou doutrinário com a igreja Assembleia de Deus, mas um acordo entre os líderes religiosos de ambas as partes e os haitianos visando o melhor para essa comunidade, nomeadamente: ter pastor haitiano, liturgia em crioulo e um espaço que comportasse maior números de fiéis. A Igreja Assembleia de Deus voltou a congregar apenas brasileiros assim como antes dos haitianos chegarem à cidade de Porto Velho. A liturgia da comunidade Metodista é caracterizada por um estilo emergente, louvor ritmado, uso de palmas e movimentos corporais.



Imagem 5. Culto na Igreja Metodista da Comunidade Haitiana. Foto: Marília L. P. Cotinguiba, Nov. 2016.



Imagem 6. Igreja Metodista da Comunidade Haitiana, formada a partir da mudança de denominação. Foto: Marília L. P. Cotinguiba, Nov. 2016.

A comunidade adventista do sétimo dia é a única em Porto Velho a construir um templo exclusivo para a comunidade haitiana residente. Aliás, em toda a América do Sul, divisão Sul americana da igreja adventista do Sétimo Dia, o templo de Porto Velho foi o pioneiro em iniciativas para acolhimento religioso de haitianos. Inicialmente um grupo de mais ou menos dezoito pessoas se reuniam na Igreja Adventista Central de Porto Velho, tendo-se mudado para o novo templo, exclusivamente haitiano, localizado na frente da câmara dos deputados, no bairro Embratel. Após quase dois anos de congregação, a comunidade perdeu o seu status de igreja haitiana e foi mesclada com brasileiros por falta de liderança haitiana e de membresia suficiente para desenvolver as atividades da igreja. O pastor que cuida da congregação é brasileiro e os cultos, hoje, são dirigidos exclusivamente em português.



Imagem 7: Primeira Igreja Adventista Haitiana da Divisão América do Sul. Foto: Geraldo C. Cotinguiba. Dez. 2013.

Outra igreja é comunidade da “Igreja de Jesus Cristo no Universo”. Nessa igreja não tem, como na Metodista e na Adventista, identificação haitiana, ou algum *slogan* visível que chame a atenção dos haitianos para fazerem parte dessa comunidade ou letrados que tenham alguma relação com o ‘universo haitiano’. A identificação “igreja de Deus no Universo” é referente a uma comunidade brasileira que congrega no local. Nem as informações referentes a horários de culto dos haitianos é visível na placa de identificação da igreja. A informação sobre a igreja haitiana é passada de um para outro. Por questões de carga horária de trabalho, o culto mais frequentado é o do domingo pela manhã, das 9h às 12h. As reuniões da semana são menos frequentadas. O culto também é semelhante às comunidades pentecostais brasileiras e à igreja Haitiana Metodista, e o pastor é haitiano. Essa igreja fica a 1 quilômetro de distância da comunidade metodista. Por vezes, é possível ver ao final da manhã de domingo, alguns haitianos saírem da igreja metodista, ao término do culto - que termina mais cedo - irem para a outra igreja, onde o culto ainda está acontecendo.

As três igrejas que descrevemos acima são próximas uma da outra, nos bairros Nova Porto Velho e Embratel, respectivamente. Esses dois bairros ficam próximos a mais dois bairros que a maioria dos haitianos residem em Porto Velho, quais sejam, São Cristóvão e Liberdade.

Essa três igrejas não existiam em Porto Velho antes da chegada dos haitianos. No caso da igreja adventista, por exemplo, houve um grande envolvimento da comunidade dos membros brasileiros na viabilização da construção da igreja. Foram feitas várias ações de mobilização para arrecadação de dinheiro para a compra de material, e a força de trabalho foi dos próprios haitianos.

A igreja metodista, de igual maneira, contou com o envolvimento de brasileiros da própria comunidade para possibilitar aos haitianos um espaço para os cultos. Entretanto, não foi construído o espaço físico, como no caso da adventista. Assim, um espaço que já era da igreja metodista e que era utilizado como residência temporária de pastores e membros que estavam de passagem em Porto Velho, foi cedido para que os haitianos improvisassem um templo para realização dos cultos.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A formação de Porto Velho é marcada por diferentes fluxos de pessoas para a região, de modo que ao longo de seus poucos mais de 100 anos, diferentes movimentos migratórios fizeram da cidade um dos destinos em meio à Amazônia brasileira.

A chegada, passagem, circulação e estabelecimento de imigrantes haitianos na cidade de Porto Velho contribuiu para uma modificação do tecido urbano, com concentração mais densa em bairros como Agenor de Carvalho, Liberdade e Nova Porto Velho. O setor imobiliário alterou-se em função dessas pessoas, seja na relação com os inquilinos de imóveis fixados em um mesmo lote, com a vizinhança, os proprietários ou no comércio da localidade. Pelas ruas, embaixo de alguma árvore, em frente aos imóveis, nos mercados e igrejas a presença haitiana é notável.

A criação de igrejas haitianas é algo novo em Porto Velho, principalmente pelo fato de serem construídas em bairros próximos ao centro da cidade e não em áreas mais distantes e periféricas da cidade. Não foi o capital imobiliário que determinou as localizações haitianas, mas sim o fato da primeira casa de apoio - lugar onde foram abrigados os haitianos, se localizar próximo ao centro da cidade. Como descrevemos neste artigo, ações de diferentes atores contribuíram para

## REFERÊNCIAS

- BORBA, Janine Hadassa Oliveira Marques de & MOREIRA, Julia Bertino. Integração local de haitianos em Santo André: interação entre poder público municipal e entidades religiosas. In. **Imigração haitiana no Brasil**. Rosana Baeninger et. al. (Org.). Jundiá, Paco Editorial: 2016.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro. **Imigração haitiana para o Brasil**: a relação entre trabalho e processos migratórios. Dissertação de Mestrado. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2014.
- COTINGUIBA, Geraldo Castro & PIMENTEL, Marília Lima. Mobilidade haitiana para o Brasil: religiosidade e identidade cultural. In. **Em busca do Eldorado**: o Brasil no contexto das migrações nacionais e internacionais. SILVA, Sidney A. da & ASSIS, Gláucia O (Org.). Manaus: EDUA, 2016a.



- COTINGUIBA, Geraldo Castro & COTINGUIBA, Marília Lima Pimentel. Fronteiras e aspectos do rito de mudança de categoria jurídico-política dos sujeitos haitianos em mobilidade transnacional no Brasil. In. **Imigração haitiana no Brasil**. BAENINGER, Rosana et. al. (Org.). Jundiaí: Paco Editorial, 2016.
- \_\_\_\_\_. Rondônia, um estado de fronteira na Amazônia ocidental brasileira: fluxos migratórios do passado e a imigração haitiana no início do século XXI. In. **Revista Territórios & Fronteiras**. Cuiabá, vol. 8, n. 2, jul.-dez. 2015a.
- \_\_\_\_\_. Deslocamento populacional contemporâneo, língua e história: uma contribuição para os estudos sobre a imigração haitiana para o Brasil. In. GATAZ, André & FERNANDEZ, Vanessa Paola Rojas (Org.). Salvador, Pontocom Editora, 2015b.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. **Bruxaria, oráculo e magia entre os Azande**. Tradução de Eduardo Viveiro de Castro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.
- GEERTZ, Clifford. **A Interpretação das Culturas**. Rio de Janeiro: LTC, 1989. 1ª Ed.
- RIBEIRO, Ailton Artur. **Religiosidade e Identidade (s) na diáspora: por uma etnografia entre imigrantes haitianos em Porto Velho**. Dissertação de Mestrado. Porto Velho: Universidade Federal de Rondônia, 2016.
- TAMBORIL, Francisca Aurineide Barbosa & BARBOZA, José Joaci. Porto Velho segregada e irregular: assim surge uma cidade. In. **Porto Velho, urbanização e desafios para uma cidade centenária**. COSTA SILVA, Ricardo Gilson da (org.). Porto Velho: Temática Editora, Edufro, 2016.
- VILLAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Estúdio Nobel/FAPESP, 2001.